

**EMPREENDEDORISMO DE REFUGIADOS NO BRASIL: TRANSFORMANDO  
TRAJETÓRIAS DE EXÍLIO EM HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO E INCLUSÃO  
ECONÔMICA**

**RICARDO NASCIMENTO FERREIRA**

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY (UNIGRANRIO)

**PAULA FERREIRA**

CENTRO UNIVERSITÁRIO CARIOCA (UNICARIOCA)

# **EMPREENDEDORISMO DE REFUGIADOS NO BRASIL: TRANSFORMANDO TRAJETÓRIAS DE EXÍLIO EM HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO E INCLUSÃO ECONÔMICA**

## **INTRODUÇÃO**

Nos últimos anos, o Brasil tem se consolidado como destino para pessoas forçadas a deixar seus países devido a conflitos, crises econômicas e perseguições. Até o fim de 2024, o país abrigava mais de 156 mil refugiados reconhecidos, com destaque para venezuelanos, cubanos, angolanos, indianos e vietnamitas. Apesar de um marco jurídico relativamente acolhedor, persistem barreiras ao acesso à educação, saúde e trabalho. Nesse contexto, o empreendedorismo tem se mostrado uma alternativa viável para promover autonomia econômica e inclusão social entre refugiados.

Embora o tema ganhe destaque internacionalmente, ainda há escassez de estudos no Brasil que analisem de forma sistemática as trajetórias empreendedoras de refugiados, especialmente no que diz respeito aos programas institucionais de acolhimento e capacitação. Faltam análises que integrem os desafios e oportunidades enfrentados por esses grupos, considerando aspectos culturais, jurídicos, sociais e econômicos. O presente artigo busca preencher essa lacuna ao tratar o empreendedorismo não apenas como resposta à exclusão, mas como mecanismo de reconstrução identitária e resiliência.

A pesquisa baseia-se em duas abordagens teóricas: a Teoria da Resiliência (Ungar, 2021) e a Teoria da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023), que permitem compreender como refugiados enfrentam adversidades e acessam oportunidades produtivas. A partir da experiência de 20 participantes dos programas do CEFET/RJ — em parceria com o ACNUR — o estudo investiga como a formação técnica e o apoio institucional podem fortalecer o empreendedorismo como estratégia de inserção socioeconômica. O artigo está organizado em seis seções: introdução, referencial teórico, metodologia, análise dos resultados, considerações finais e referências.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

O empreendedorismo tem se destacado como uma prática transformadora em contextos de vulnerabilidade e migração forçada, especialmente entre refugiados. Para além da exclusão do mercado formal, ele funciona como estratégia de reconstrução identitária, recuperação da autonomia e reinserção socioeconômica. Este estudo fundamenta-se na Teoria da Resiliência (Ungar, 2021), que aborda a superação de adversidades, e na Teoria da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023), que analisa a participação de grupos marginalizados nos processos produtivos. Juntas, essas abordagens permitem compreender o empreendedorismo de refugiados no Brasil como uma estratégia multifacetada de adaptação, geração de renda e contribuição ao desenvolvimento local, ao mesmo tempo em que evidenciam o papel essencial das políticas públicas, da formação profissional e do apoio institucional nesse processo.

### **2.1. O Conceito de Refúgio e o Contexto Migratório no Brasil**

De acordo com as diretrizes da Convenção de Genebra (1951), ratificada pelo Brasil, um refugiado é toda pessoa que, por medo de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social ou opinião política, encontra-se fora de seu país de origem e não pode ou não deseja retornar. No Brasil, esse conceito foi ampliado pela Lei nº 9.474/1997 e seu Decreto

Regulamentador nº 8.945/2016, que também inclui entre os beneficiários aqueles que fogem de situações generalizadas de violência, conflitos armados ou graves perturbações da ordem pública. Essa abrangência mais ampla reflete o compromisso do país com uma visão humanitária e solidária em relação aos fluxos migratórios internacionais.

Segundo os dados mais recentes do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e do Ministério da Justiça e Segurança Pública, até o final de 2024 o Brasil contabilizou um total de 156.612 refugiados reconhecidos. Apenas naquele ano, foram feitas 68.159 novas solicitações de refúgio — um aumento de 16,3% em relação a 2023 — e 13.632 pessoas obtiveram o reconhecimento oficial da condição de refugiado. As nacionalidades mais frequentes entre os solicitantes foram venezuelanos (39,8%), cubanos (32,7%), angolanos (5%), indianos (3,1%) e vietnamitas (2,8%). Em relação ao perfil demográfico, 59,1% dos solicitantes eram homens e 40,9% mulheres. Dentre as mulheres, destaca-se que 24,3% tinham menos de 15 anos, evidenciando a presença significativa de crianças e adolescentes entre os refugiados.

Apesar do marco legal brasileiro garantir o acesso à saúde, educação e ao trabalho para refugiados e solicitantes de refúgio, na prática, muitos enfrentam desafios para sua plena integração ao mercado de trabalho formal. Entre os principais obstáculos estão o desconhecimento do funcionamento do sistema brasileiro, as barreiras linguísticas, a discriminação e a falta de qualificação profissional reconhecida no Brasil. Diante desse cenário, o país tem promovido algumas iniciativas voltadas à acolhida e à inclusão social dessa população. Um exemplo é o Programa Brasileiro de Patrocínio Comunitário para Afegãos, lançado em 2024, que envolve organizações da sociedade civil no processo de recepção e apoio aos refugiados. Outro destaque é a Operação Acolhida, iniciada em 2018, que já viabilizou a interiorização de mais de 128 mil venezuelanos para diversas regiões do Brasil, buscando favorecer sua integração social e econômica. Ainda que o Brasil se destaque no cenário internacional por sua política de acolhida humanitária, os dados apontam para a necessidade de avanços concretos na superação das barreiras estruturais que limitam a inserção socioeconômica das pessoas refugiadas no país.

## 2.2. Empreendedorismo como Estratégia de Superação e Inclusão

O empreendedorismo tem se consolidado como uma importante ferramenta de transformação social e econômica, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidade e migração forçada. Segundo o relatório mais recente do *Global Entrepreneurship Monitor – GEM Brasil 2024*, o empreendedorismo é definido como “o processo intencional de criação de valor por meio da inovação, assumindo riscos calculados e mobilizando recursos para gerar novas soluções”. Essa definição adquire contornos ainda mais específicos quando aplicada à realidade de migrantes e refugiados, cujos desafios estruturais os impulsionam a buscar alternativas fora do mercado de trabalho formal.

No contexto do refúgio, o empreendedorismo é frequentemente motivado por fatores como a busca por autonomia financeira, exclusão do mercado formal, barreiras linguísticas e a ausência de redes de apoio institucional. Moretto et al. (2020) já destacavam que, diante da dificuldade de inserção no sistema econômico convencional, muitos refugiados recorrem ao empreendedorismo como meio de sobrevivência e reconstrução de suas identidades produtivas. Complementarmente, Riddle e Brinkerhoff (2022) propõem uma tipologia que permite compreender melhor os perfis e trajetórias desses empreendedores como o empreendedorismo de sobrevivência que caracteriza-se por

iniciativas de subsistência imediata, voltadas à geração de renda básica, empreendedorismo de adaptação que visa a inserção e integração cultural e econômica no novo ambiente e empreendedorismo de crescimento que contempla estratégias voltadas à expansão, consolidação e sustentabilidade do negócio.

Essa tipologia ajuda a mapear diferentes estágios de maturidade e intencionalidade no empreendedorismo de migrantes forçados, revelando a complexidade dos processos envolvidos.

### 2.3.A Teoria da Resiliência como Fundamento Teórico

A Teoria da Resiliência, revisitada por Ungar (2021), oferece um arcabouço teórico consistente para interpretar o empreendedorismo como resposta adaptativa diante de contextos de extrema adversidade. Para além de uma simples capacidade de resistência, a resiliência envolve a habilidade de reorganizar a trajetória de vida em meio à instabilidade, às perdas e à ruptura de vínculos identitários e sociais.

Aplicada à realidade dos refugiados, essa teoria permite compreender o empreendedorismo não apenas como estratégia econômica, mas também como instrumento de reconstrução simbólica, recuperação de autonomia e reinserção social. Empreender, nesse contexto, é um ato de ressignificação pessoal e coletiva, uma forma de transformar experiências de exclusão em oportunidades de pertencimento.

Dados recentes do Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI-SP, 2024) e de organizações como o ACNUR e a OIM apontam que, em cidades como São Paulo, Boa Vista, Manaus e Curitiba, houve um crescimento expressivo na abertura de pequenos negócios liderados por refugiados, como restaurantes típicos, salões de beleza, serviços de costura, barbearias e vendas de alimentos. Esses empreendimentos, além de contribuírem para a economia local, representam práticas concretas de resiliência e inovação diante das adversidades do deslocamento forçado.

Em síntese, o empreendedorismo, quando articulado a uma perspectiva de resiliência, torna-se uma poderosa estratégia de superação de vulnerabilidades, de reconstrução de trajetórias e de promoção da inclusão social e econômica de populações refugiadas no Brasil.

### 2.4. A Teoria da Inclusão Econômica e o Papel do Empreendedorismo

A partir dessa perspectiva, a Teoria da Inclusão Econômica, desenvolvida pelo Banco Mundial (2023), oferece outro suporte teórico fundamental ao estudo. Segundo esta teoria, a inclusão econômica ocorre quando indivíduos e comunidades têm condições reais de participar dos processos produtivos, contribuem para o crescimento econômico e beneficiam-se dele de maneira equitativa.

No caso dos refugiados, muitas vezes excluídos do mercado formal de trabalho, o empreendedorismo surge como forma estratégica de inclusão econômica. Ele permite não apenas o acesso à renda e autonomia financeira, mas também a construção de redes sociais, reconhecimento profissional e participação ativa na vida comunitária. Autores como Marques e Oliveira (2023) destacam que as políticas públicas voltadas à capacitação profissional, o microcrédito produtivo sem juros e a orientação jurídica podem potencializar o sucesso dessas iniciativas.

## 2.5. Impactos Sociais e Econômicos do Empreendedorismo de Refugiados

Estudos recentes conduzidos por agências como o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) e a OIM (Organização Internacional para as Migrações), com dados consolidados até 2024, reforçam que o empreendedorismo de refugiados tem gerado impactos positivos no desenvolvimento socioeconômico de comunidades locais no Brasil. Pequenos negócios criados por pessoas refugiadas vêm contribuindo para a dinamização da economia local ao estimular o consumo de bens e serviços, atrair investimentos e valorizar a diversidade cultural, promovendo ambientes urbanos mais inclusivos e resilientes. Esses empreendimentos, muitas vezes informais no início, representam não apenas uma fonte de renda, mas também um ponto de conexão entre culturas, possibilitando o fortalecimento de laços comunitários e o desenvolvimento de práticas de convivência multicultural. Esse processo tem sido observado em cidades como São Paulo, Boa Vista, Manaus e Curitiba, onde há maior concentração de refugiados empreendedores.

Nos impactos econômicos, há evidências consistentes de que o empreendedorismo favorece a construção de redes sociais e comunitárias, essenciais para a integração cultural e o bem-estar emocional dos refugiados. Ao estabelecer relações com clientes, fornecedores, organizações locais e outros empreendedores, os refugiados ampliam suas redes de apoio e enfrentam de forma mais eficaz sentimentos de isolamento, solidão e insegurança – frequentemente intensificados pelos traumas vivenciados durante o deslocamento forçado. Nesse sentido, o empreendedorismo emerge como uma estratégia multifuncional: além de ser um mecanismo de geração de renda e inclusão produtiva, também atua como instrumento de reconstrução identitária, promoção de autoestima e resiliência psicológica. Essa abordagem integradora reforça a importância de políticas públicas e iniciativas da sociedade civil voltadas ao fortalecimento das capacidades empreendedoras dessa população em situação de vulnerabilidade.

## 3.METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, voltada à compreensão das experiências de refugiados em programas de capacitação do CEFET/RJ. A escolha por esse método visa aprofundar a análise das trajetórias empreendedoras, percepções de inclusão e desafios enfrentados em contextos de deslocamento forçado. Conforme Denzin e Lincoln (2020), a pesquisa qualitativa é adequada para explorar temas emergentes e compreender realidades específicas. O foco não está na generalização, mas na análise aprofundada do empreendedorismo como estratégia de superação de barreiras culturais, jurídicas, econômicas e sociais. A metodologia também permite articular teorias como a da Resiliência (Ungar, 2021) e da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023), ampliando a compreensão dos fatores que impactam a autonomia de migrantes. De acordo com Flick (2009), Bastos & Andrade (2015) e Labov (1997), essa abordagem favorece a coleta de informações sensíveis e contextualizadas a partir da perspectiva dos próprios participantes.

### 3.1 Delineamento da Pesquisa

O estudo foi estruturado em duas etapas complementares: análise documental e entrevistas narrativas com refugiados. A primeira etapa consistiu no exame de documentos institucionais de organismos como ACNUR, OIM e CEFET/RJ, incluindo relatórios, editais e registros de programas voltados à população refugiada. Essa análise possibilitou contextualizar as ações de acolhimento e

qualificação profissional desenvolvidas, além de identificar as estratégias institucionais que fundamentaram o campo empírico da pesquisa. A segunda etapa envolveu entrevistas narrativas com 20 refugiados de diferentes nacionalidades Venezuela, Síria, Angola, Congo, Palestina e Haiti que participaram dos cursos de capacitação técnica em produção de alimentos oferecidos pelo CEFET/RJ, em parceria com o ACNUR. As entrevistas ocorreram entre maio e junho de 2025 e respeitaram os princípios éticos de consentimento, anonimato e confidencialidade. Os depoimentos, obtidos também por meio de registros públicos, reportagens e redes sociais institucionais, foram submetidos a uma análise narrativa conforme o modelo de Bastos & Andrade (2015) e Labov (1997), contemplando os eixos de trajetória migratória, experiências no programa, práticas empreendedoras, barreiras enfrentadas e perspectivas de futuro.

A organização das narrativas em componentes como sumário, orientação, ação complicada, avaliação, resultado e coda permitiu aprofundar a compreensão das experiências individuais e coletivas dos participantes. A análise temática evidenciou os significados atribuídos pelos refugiados às suas vivências, revelando aspectos subjetivos, culturais e estruturais relacionados à construção de identidade, estratégias de resiliência e processos de inclusão socioeconômica. A triangulação de fontes, associada ao rigor analítico, garantiu maior confiabilidade aos achados e fortaleceu a interpretação do empreendedorismo como ferramenta de autonomia e transformação social.

### 3.2 Justificativa das Escolhas Metodológicas

A escolha pela análise narrativa com refugiados inseridos em programas institucionais justifica-se pela relevância de dar voz a sujeitos diretamente envolvidos nas práticas analisadas, o que permite captar sentidos, subjetividades e interpretações singulares que escapam a abordagens meramente descritivas. O CEFET/RJ foi escolhido como campo empírico por sua atuação consolidada em ações de acolhimento e qualificação profissional de pessoas refugiadas, representando um caso exemplar de política institucional voltada à inclusão produtiva. A articulação com os referenciais teóricos da Teoria da Resiliência (Ungar, 2021) e da Teoria da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023) proporciona uma base analítica robusta para interpretar o empreendedorismo de refugiados como um fenômeno multifacetado, que combina respostas adaptativas, estratégias de sobrevivência e projetos de desenvolvimento pessoal e coletivo. Entre as limitações do estudo, destaca-se a amostra restrita a um único programa institucional, o que pode limitar a generalização dos resultados para outros contextos e regiões do país. No entanto, a profundidade das narrativas e a diversidade de perfis dos 20 participantes conferem riqueza analítica ao material, permitindo identificar padrões e singularidades relevantes para o campo do empreendedorismo de migrantes forçados no Brasil.

## 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise narrativa dos 20 depoimentos de refugiados que participaram de programas de formação e acolhimento do CEFET/RJ nos meses de maio e junho de 2025 permitiu identificar padrões recorrentes e aspectos singulares das trajetórias empreendedoras desse grupo. Os dados revelam a interseção entre fatores subjetivos (como agência, identidade e trauma) e estruturais (como acesso a direitos, reconhecimento profissional e políticas públicas).

Para sistematizar os achados, os resultados foram organizados em quatro proposições analíticas, cada uma sustentada por evidências empíricas e diálogo com os marcos teóricos da Teoria da Resiliência (Ungar, 2021) e da Teoria da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023). Os trechos de falas dos participantes foram preservados conforme os critérios éticos e tratados de forma anônima.

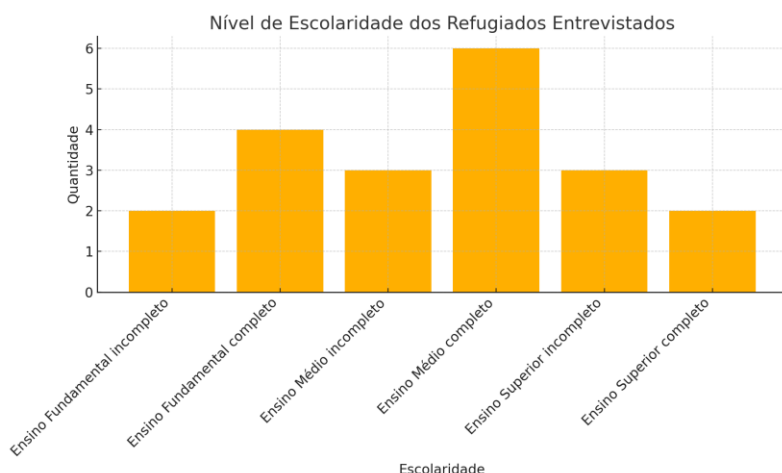
#### 4.1. Perfil dos entrevistados

Dos 20 refugiados entrevistados, a maioria é originária da Venezuela (40%), seguida por Haiti, Síria, Angola, Congo e Palestina. A diversidade de nacionalidades evidencia a pluralidade cultural atendida pelo programa.



Fonte – Elaborado pelo autor

Em relação à escolaridade, nota-se uma predominância de pessoas com ensino médio completo ou incompleto. Entretanto, há também refugiados com formação superior, evidenciando a subutilização de capital humano devido à não validação de diplomas no Brasil.



Fonte – Elaborado pelo autor

#### 4.2.O programa do CEFET/RJ como plataforma de inclusão produtiva

O Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) desenvolveu, em parceria com o ACNUR, uma série de ações voltadas ao acolhimento e à formação de refugiados, com destaque para: (i) Cursos de capacitação técnica em áreas como produção de alimentos, estética e manutenção; (ii) Vagas remanescentes reservadas em cursos técnicos regulares; (iii) Atendimento psicológico e apoio linguístico; (iv) Feiras de empreendedorismo e eventos multiculturais.

Essas ações foram amplamente reconhecidas pelos participantes como fundamentais para sua reconstrução de vida no Brasil.

“Eu achava que nunca ia poder estudar de novo. No CEFET, aprendi uma profissão e consegui vender bolos com segurança.” (Entrevistada 02, Haiti)

“No curso técnico me explicaram como calcular preço, fazer divulgação, entender o cliente. Nunca tive isso no meu país.” (Entrevistado 08, Síria)

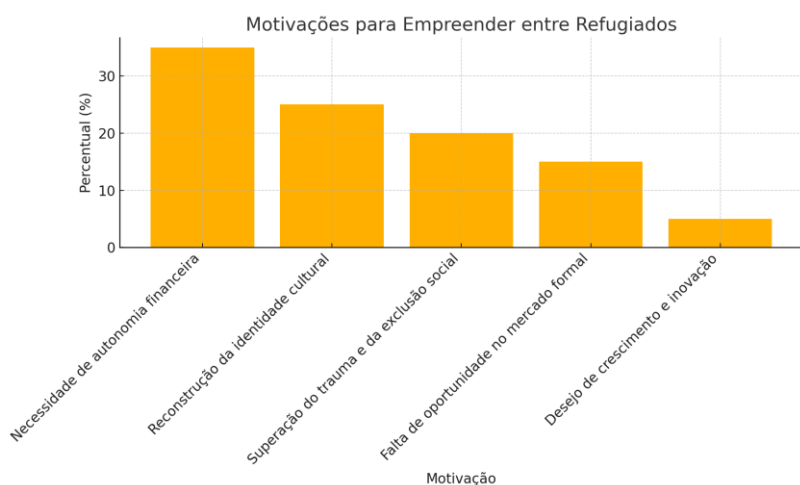
#### Proposição 1 – O empreendedorismo como ferramenta de reconstrução identitária e emocional

Os relatos indicam que o empreendedorismo é vivido não apenas como alternativa à exclusão laboral, mas como um meio de ressignificar perdas, traumas e rupturas identitárias provocadas pelo deslocamento forçado. O ato de empreender é associado à retomada da autonomia e à reconstrução do pertencimento.

“Meu negócio é mais do que ganhar dinheiro. É uma parte de mim que eu trouxe do meu país. Quando estou cozinhando, eu lembro da minha mãe, da minha infância.” (Entrevistada 06, Haiti)

“Aqui eu comecei do zero, mas quando abri meu ateliê de costura, foi como se eu tivesse recuperado um pedaço da minha história.” (Entrevistada 11, Venezuela)

Esse resultado reforça os argumentos de Ungar (2021), que aponta a resiliência como a capacidade de reorganizar a vida por meio de recursos sociais e simbólicos. No caso dos refugiados, empreender se torna uma estratégia ativa de resistência emocional e social.



Fonte – Elaborado pelo autor

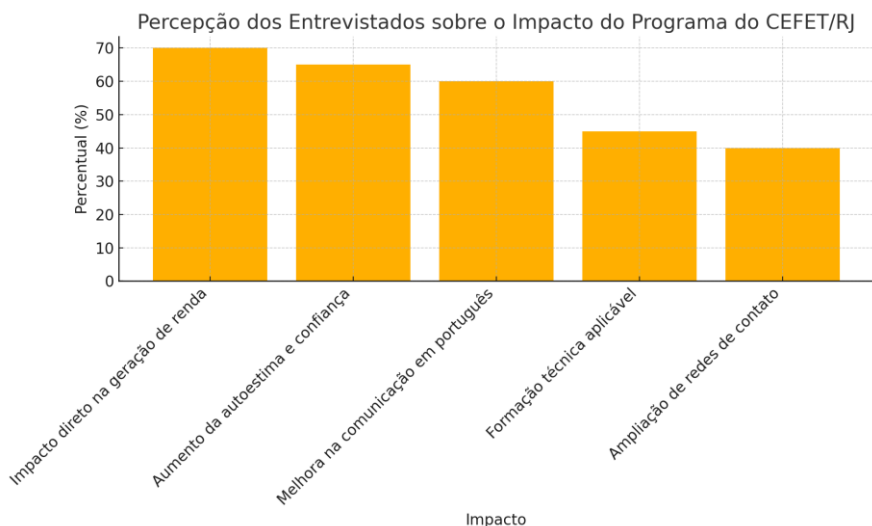
## Proposição 2 – O papel estratégico dos programas do CEFET/RJ na qualificação e inserção produtiva

Todos os entrevistados destacaram a relevância dos cursos técnicos e das ações institucionais do CEFET/RJ para a construção de suas capacidades empreendedoras. Os cursos de capacitação em alimentos, os editais de acesso a cursos técnicos e o apoio psicológico e linguístico foram citados como diferenciais importantes.

“Antes do curso, eu tinha medo de falar com as pessoas. Aprendi português melhor, entendi como calcular custo, como vender. Hoje, já faço encomendas para festas.” (Entrevistada 03, Angola)

“A aula de marketing me ajudou a entender como divulgar meu trabalho. Com isso, ganhei mais clientes.” (Entrevistado 14, Síria)

Esses dados confirmam a centralidade dos programas de qualificação para a inclusão econômica estruturada (Banco Mundial, 2023), especialmente quando atrelados a abordagens culturalmente sensíveis e inclusivas.



Fonte – Elaborado pelo autor

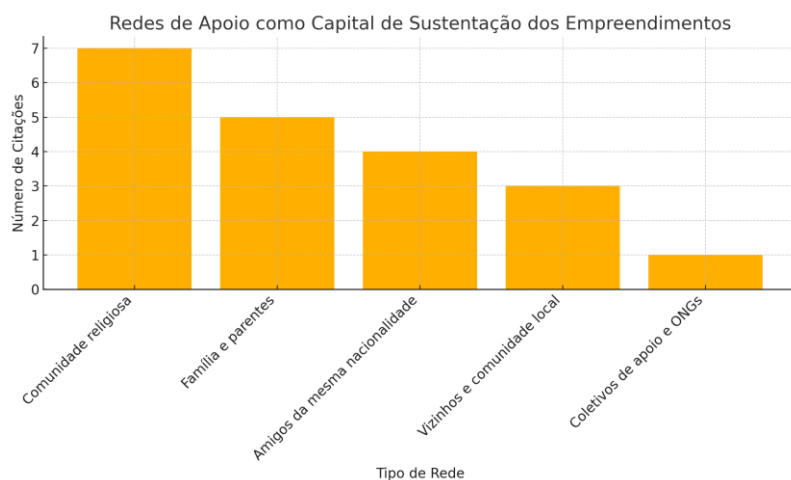
## Proposição 3 – As redes sociais como capital de sustentação dos empreendimentos

Os entrevistados relataram que, além da formação técnica, o suporte emocional e relacional foi determinante para iniciar e manter seus negócios. Familiares, comunidades religiosas, amigos da mesma nacionalidade e redes solidárias locais foram citadas como formas de apoio fundamentais.

“No início, vendia só para os amigos da igreja. Eles me ajudaram a divulgar. Depois os vizinhos começaram a comprar também.” (Entrevistada 09, Venezuela)

“A gente se ajuda. Se um tem um problema, o outro empresta. É assim que sobrevivemos.” (Entrevistado 15, Congo)

Essas redes atuam como estratégias coletivas de resiliência, muitas vezes suprindo a ausência de políticas públicas mais eficazes. Além disso, funcionam como canais de troca, aprendizagem e fortalecimento da confiança mútua.



Fonte – Elaborado pelo autor

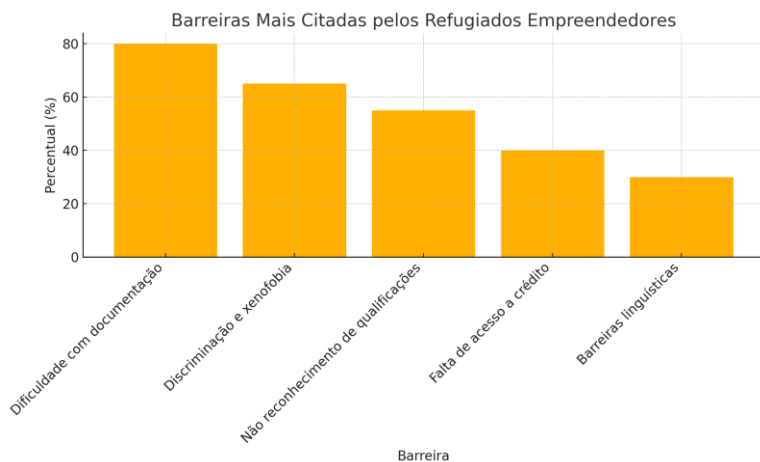
#### Proposição 4 – Barreiras estruturais e legais persistem, mas impulsionam soluções criativas

Apesar das conquistas relatadas, a maioria dos participantes mencionou dificuldades recorrentes, como ausência de reconhecimento de diplomas, precariedade documental, discriminação linguística e dificuldades em acessar crédito formal.

“Tentei abrir uma conta no banco para o meu negócio, mas recusaram por causa do meu RNE [registro nacional de estrangeiro] provisório.” (Entrevistado 10, Haiti)

“Eu era cabeleireira no meu país, com diploma. Aqui tive que recomeçar. Ninguém reconhece.” (Entrevistada 01, Venezuela)

Frente a esses obstáculos, os refugiados buscaram soluções inovadoras, como a digitalização de vendas por aplicativos, parcerias informais com brasileiros, uso de redes sociais para marketing e adaptação de produtos à cultura local.



Fonte – Elaborado pelo autor

### 4.3. Predominância por Entrevistado

A análise narrativa deste estudo baseou-se no modelo estrutural de William Labov (1997), que organiza os relatos em seis elementos: sumário, orientação, ação complicadora, avaliação, resultado e coda. Essa estrutura possibilitou compreender não apenas os fatos relatados, mas também os significados que os refugiados atribuem às suas experiências de migração, acolhimento e empreendedorismo no Brasil. A codificação dos dados seguiu uma abordagem temática e categorial inspirada em Bardin (2016), considerando os eixos previamente definidos: trajetória migratória, vivência no programa do CEFET/RJ, práticas empreendedoras, barreiras enfrentadas e perspectivas de futuro. Esse processo permitiu interpretar os relatos de forma sistematizada, integrando conteúdo e forma narrativa.

Os resultados revelaram convergências nos desafios enfrentados, mas também variações nas ênfases e interpretações individuais. As narrativas mostraram diferentes formas de enfrentamento da adversidade e distintos modos de apropriação do empreendedorismo como ferramenta de reconstrução pessoal, autonomia e inclusão socioeconômica.

A seguir, apresenta-se um panorama da predominância por entrevistado, a partir da narrativa estruturada, destacando os elementos que mais se sobressaíram na fala de cada sujeito:

Entrevistado	Elemento Narrativo Predominante (Labov)	Tema Central Predominante	Destaque Temático
E06 – Haiti	Avaliação	Empreendedorismo como reconstrução afetiva	O ato de cozinhar remete às memórias da infância e ressignifica a dor da migração.
E11 – Venezuela	Resultado	Ressignificação da identidade cultural	A abertura do ateliê é percebida como marco simbólico da reconstrução pessoal.
E03 – Angola	Orientação e ação complicadora	Formação técnica como chave para superação	A dificuldade inicial com o idioma e a comunicação superada pela capacitação.
E14 – Síria	Sumário e avaliação	Empoderamento técnico e visibilidade do trabalho	Ênfase no aprendizado em marketing como fator de ganho de autonomia.
E09 – Venezuela	Coda e avaliação	Redes comunitárias como capital social	A fé e os vínculos com a igreja como sustentação emocional e econômica.
E15 – Congo	<i>Complicating action</i>	Ajuda mútua como estratégia de resistência	Cooperação entre migrantes é central para manter os negócios.
E10 – Haiti	Ação complicadora e avaliação	Obstáculos legais e soluções criativas	Dificuldades com documentação provocam inovação digital e parcerias.
E01 – Venezuela	Resultado e avaliação	Invisibilidade institucional e resiliência	Diploma não reconhecido impulsiona reinvenção profissional.

Fonte – Elaborado pelo autor

A estrutura narrativa permitiu compreender as múltiplas camadas simbólicas que envolvem o ato de empreender, que extrapola a dimensão econômica para se constituir como prática de pertencimento, memória e resistência. A predominância de elementos como a avaliação subjetiva e a ação

complicadora revela que os entrevistados não apenas narram os fatos, mas os interpretam, atribuindo-lhes significados relacionados à identidade, superação e agência.

A análise também mostrou que, embora o programa do CEFET/RJ apareça de forma recorrente como ponto de inflexão positivo nas histórias (elemento de orientação e resultado), as redes sociais, os traumas migratórios e a capacidade de adaptação também emergem como aspectos decisivos, articulando o micro (trajetórias individuais) ao macro (condições institucionais e políticas públicas).

Essa abordagem, baseada em Labov, não só ampliou a profundidade interpretativa da análise narrativa, como também valorizou o protagonismo dos sujeitos ao permitir que suas vozes se apresentassem em toda a complexidade de sua experiência vivida.

#### 4.4. Códigos Temáticos e Padrões de Sentido

A partir das entrevistas analisadas com base no modelo narrativo de William Labov (1997), foi possível identificar códigos temáticos recorrentes que expressam os significados subjetivos atribuídos pelos refugiados às suas experiências de deslocamento, acolhimento e reconstrução de vida no Brasil. Esses códigos vão além da descrição de eventos, funcionando como marcadores simbólicos de vivências sociais, econômicas e emocionais, e revelando o empreendedorismo como uma forma de agência e resiliência. As narrativas mostraram que a migração representa mais do que uma mudança geográfica trata-se de uma ruptura identitária que exige reelaboração emocional e reconexão com a própria história. Para muitos entrevistados, a participação no programa do CEFET/RJ marcou um ponto de inflexão, permitindo a ressignificação de competências, a reconstrução de projetos de vida e o fortalecimento do sentimento de pertencimento. A codificação foi orientada por uma abordagem interpretativa que combinou a identificação de padrões temáticos com a valorização de singularidades narrativas. Como resultado, foram definidos oito códigos temáticos (CT1 a CT8), alinhados aos objetivos da pesquisa e representativos dos principais núcleos de sentido que emergem das histórias dos participantes.

Código Temático	Descrição e Sentido Atribuído
CT1 – Ruptura e deslocamento	Refere-se à experiência inicial de perda, separação e instabilidade vivida no processo migratório. Representa a quebra de vínculos e o sentimento de desorientação causado pela migração forçada.
CT2 – Acolhimento institucional	Relaciona-se à percepção positiva do CEFET/RJ como espaço de escuta, apoio e reconstrução. Expressa o sentimento de segurança, pertencimento e reconhecimento das capacidades dos refugiados.
CT3 – Reconstrução identitária	Abrange a ressignificação de saberes, memórias e práticas culturais por meio do empreendedorismo. Reflete a retomada da autoestima e da identidade por meio da produção econômica.
CT4 – Autonomia e protagonismo	Trata do fortalecimento da agência individual ao longo da trajetória empreendedora. Relaciona-se ao sentimento de controle sobre o próprio destino e à capacidade de tomar decisões.

CT5 – Capacitação e saber técnico	Refere-se à valorização dos conhecimentos adquiridos nos cursos técnicos e sua aplicação prática. Expressa o reconhecimento da formação como ferramenta de transformação pessoal e produtiva.
CT6 – Redes de apoio e solidariedade	Envolve a importância dos vínculos comunitários e familiares para o sucesso dos empreendimentos. Representa o apoio emocional e material recebido de pares, amigos e coletivos locais.
CT7 – Barreiras estruturais	Diz respeito às dificuldades enfrentadas com documentação, acesso ao crédito, discriminação e validação de diplomas. Indica os entraves institucionais que desafiam a integração plena.
CT8 – Futuro e inserção social	Expressa as expectativas, esperanças e planos dos refugiados em relação à permanência no Brasil. Representa o desejo de reconhecimento social, estabilidade econômica e cidadania.

#### 4.5 Predominância por Entrevistado

om base na análise narrativa das entrevistas, orientada pelo modelo de William Labov (1997) e pela codificação temática das falas, observou-se a predominância de determinados códigos de sentido entre os participantes. Essa etapa permitiu compreender como os significados atribuídos à migração, ao programa do CEFET/RJ, ao empreendedorismo, às barreiras enfrentadas e às expectativas de futuro variam conforme gênero, idade, local de moradia e contexto familiar. Embora os códigos temáticos se entrelacem nas falas, cada participante destacou uma ou duas dimensões centrais de sua experiência. Essa ênfase revela como os diferentes aspectos da inclusão produtiva dialogam de forma singular com os desafios cotidianos de cada refugiado, evidenciando percepções diversas sobre pertencimento, dignidade e inclusão financeira.

A tabela a seguir resume a presença e intensidade dos oito códigos temáticos (CT1 a CT8) nas narrativas dos vinte entrevistados, indicando o código predominante em cada caso. Essa leitura individual, articulada à análise coletiva, reforça o valor da escuta qualificada e da agência dos sujeitos, permitindo um panorama plural e sensível às conexões afetivas, sociais e territoriais que permeiam as trajetórias migratórias.

Entrevistado	CT1	CT2	CT3	CT4	CT5	CT6	CT7	CT8	Código Predominante
E01	X		X						CT1
E02		X				X			CT2
E03	X				X				CT5
E04			X					X	CT3
E05						X	X		CT6
E06	X	X							CT1
E07				X			X		CT4

E08					X				CT5
E09		X						X	CT2
E10				X	X				CT4
E11						X		X	CT6
E12					X				CT5
E13	X					X			CT1
E14		X							CT2
E15			X	X					CT3
E16						X	X		CT6
E17				X					CT4
E18								X	CT8
E19	X						X		CT1
E20					X			X	CT5

Do ponto de vista teórico, os resultados confirmam que o empreendedorismo de refugiados no Brasil é um fenômeno multidimensional, influenciado por fatores estruturais, culturais, emocionais e institucionais. As Teorias da Resiliência e da Inclusão Econômica foram eficazes para compreender tanto a capacidade de superação dos indivíduos quanto os apoios (ou ausências) oferecidos pelo ambiente. Na prática, a experiência do CEFET/RJ demonstrou que ações locais bem estruturadas que integrem formação técnica, apoio linguístico, acolhimento cultural e estímulo à autonomia têm alto impacto na inclusão produtiva de refugiados. A análise das entrevistas revelou tanto o potencial transformador dessas iniciativas quanto os limites impostos por barreiras institucionais ainda não superadas. Com base nesses achados, recomenda-se: (i) criação de políticas públicas permanentes voltadas à inclusão produtiva dos refugiados, como acesso facilitado ao microcrédito, reconhecimento de saberes e editais específicos; (ii) ampliação de vagas em cursos técnicos com suporte integral (psicossocial e linguístico); (iii) fortalecimento de redes sociais e comunitárias por meio de feiras multiculturais e consumo solidário; e (iv) combate às barreiras simbólicas com campanhas educativas, valorização de narrativas de protagonismo e capacitação intercultural de agentes públicos.

Abaixo, apresentamos um quadro com as etapas da análise narrativa que estruturaram o tratamento dos dados qualitativos:

<b>Etapa da Análise</b>	<b>Descrição</b>
Preparação e consentimento dos participantes	Explicação dos objetivos da pesquisa, garantias éticas e assinatura do termo de consentimento.
Coleta dos depoimentos narrativos	Entrevistas individuais com os 20 refugiados nos meses de maio e junho de 2025.
Transcrição dos depoimentos	Registro integral das falas, respeitando a integridade e linearidade narrativa.
Codificação temática preliminar	Identificação dos temas recorrentes nos relatos (trabalho, trauma, redes, barreiras, inovação).

Agrupamento em categorias analíticas	Formação de categorias como identidade, capacitação, redes sociais, discriminação e adaptação.
Triangulação com referencial teórico	Articulação das categorias com as Teorias da Resiliência (Ungar, 2021) e da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023).
Construção das proposições analíticas	Formulação das quatro proposições que estruturam os achados do estudo.
Discussão e implicações	Análise interpretativa dos dados com base em evidências empíricas e implicações práticas para políticas públicas e instituições de ensino e acolhimento.

Fonte – Elaborado pelo autor

A análise revela que o empreendedorismo entre refugiados, quando apoiado por programas institucionais estruturados como os do CEFET/RJ, torna-se um instrumento potente de inclusão social, resiliência emocional e reconstrução identitária. Ao mesmo tempo, os desafios persistentes apontam para a necessidade urgente de políticas públicas que ampliem o acesso ao crédito, à documentação, ao reconhecimento de saberes e à proteção contra a xenofobia.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa analisou o papel do empreendedorismo como estratégia de inclusão socioeconômica para refugiados no Brasil, com base nas narrativas de 20 participantes dos programas de capacitação do CEFET/RJ. Os relatos mostraram que, diante de barreiras como a não validação de diplomas, dificuldades com o idioma, discriminação e insegurança documental, o empreendedorismo surgiu como alternativa para reconstruir a autonomia, identidade e alcançar estabilidade financeira. O CEFET/RJ destacou-se como modelo de integração produtiva, ao oferecer formação técnica, apoio linguístico e acolhimento emocional. Os participantes valorizaram o reconhecimento de suas habilidades e o impacto positivo da capacitação. As redes de apoio familiares, religiosas e comunitárias foram essenciais para iniciar e manter os negócios, funcionando como suporte coletivo à resiliência.

A pesquisa também evidenciou práticas criativas dos refugiados, como o uso de redes sociais, parcerias com brasileiros e adaptação de produtos ao mercado local. Isso confirma o caráter multidimensional do empreendedorismo migrante, que articula competências técnicas, emocionais e sociais. O estudo reforça a importância de políticas públicas específicas e sugere futuras pesquisas comparativas, com abordagem longitudinal e participação de diferentes instituições, para avaliar os impactos de longo prazo na integração de refugiados.

## REFERÊNCIAS

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. (2024). *Refúgio em números: Brasil bate recorde de pedidos e reafirma compromisso com acolhida humanitária*. <https://www.acnur.org/br>

Banco Mundial. (2023). *Economic Inclusion Framework: Advancing economic opportunities for the forcibly displaced*. <https://www.worldbank.org>

Bastos, G., & Andrade, M. (2015). *Narrativas e identidades: Um estudo sobre a construção de sentidos*. Editora XYZ.

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (Edição revista e atualizada). Edições 70.

- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Vozes.
- Bauer, M. W., & Jovchelovitch, S. (2002). Narrativa, memória e vida cotidiana: Uma abordagem em pesquisa qualitativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 199–223). Vozes.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3ª ed.). Artmed.
- Labov, W. (1997). *A construção narrativa da realidade*. Revista de Narrativa e História de Vida, 7(1), 1-38. DOI: [inserir DOI se disponível].
- Moretto, A., Machado, J. P., & Silva, M. M. (2020). Empreendedorismo migrante e políticas públicas: Desafios e estratégias de inclusão. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 28(1), 85–102. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005304>
- Riddle, L., & Brinkerhoff, J. M. (2022). Refugee entrepreneurship typologies: Implications for policy and practice. *Journal of International Business Policy*, 5(1), 1–15. <https://doi.org/10.1057/s42214-021-00113-9>
- Ungar, M. (2021). *Multisystemic resilience: Adaptation and transformation in contexts of change*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190095888.001.0001>